

MUNDO



Encarado literalmente como um messias da política, Jair Bolsonaro conta com o superministro Paulo Guedes, um Chicago Boy, para fazer o 'milagre' econômico no Brasil
FOTO FERNANDO BIZERRA/EPA

Paulo Guedes, o mago das Finanças

Paulo Guedes, um carioca de 69 anos, vai ser o braço de Bolsonaro para o 'choque' econômico.



Licenciado pela Faculdade de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais, tirou um doutorado na Universidade de Chicago, onde "entrou keynesiano e saiu Chicago Boy", ironizam os seus críticos. Convidado por um dos Chicago Boys chilenos, Guedes esteve a dar aulas em Santiago no tempo da ditadura de Pinochet. Regressado ao Brasil, iniciou uma carreira na finança. Chegou a mergulhar nos investimentos em day trading (aposta nas variações das cotações ao longo do dia), uma atividade arriscada. Desde 2013 que é sócio da Bozano Investimentos, uma gestora de fundos impulsivada por Julio Bozano, a quem chamam "rei das privatizações" e "Warren Buffet do Sul". Um perfil alargado do superministro foi publicado na edição de 31 de outubro do Expresso Diário.

Estratégia Bolsonaro quer acelerar o PIB com privatizações, contas equilibradas e menos Estado

Brasil À espera de um choque liberal

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES

Mudança de paradigma foi a expressão sonante escolhida pelo Presidente agora eleito, Jair Bolsonaro, para resumir o que quer fazer em relação à política económica. Acrescentou que quer tirar a "ideologia" do programa económico e libertar o país da condição de "prisioneiro de alianças ideológicas" nas relações comerciais, o que já foi entendido como secundarizar a pertença aos BRICS e ao Mercosul.

Mas como não entende de economia, nas suas próprias palavras, escolheu o economista Paulo Guedes para a missão (ver caixa). Doutorou há precisamente 40 anos na Universidade de Chicago, onde foi contemporâneo dos Chicago Boys chilenos que puseram em marcha o programa económico da Junta Militar do general Pinochet, Guedes vê a oportunidade de, como disse, mudar o "modelo económico" do Brasil. Em Buenos Aires, no principal parceiro do Mercosul, os analistas dizem que Bolsonaro e Guedes querem aplicar de chofre um "choque", pois não querem repetir o erro de Mauricio Macri, o Presidente argentino, que optou por uma ação "gradualista" e se deu mal, acabando por ter de chamar o Fundo Monetário Internacional (FMI).

As linhas essenciais do programa do superministério da Fazenda, Planeamento, Indústria e Comércio Exterior que Guedes vai dirigir a partir de janeiro já são conhecidas. À cabeça uma vaga de privatizações, ainda que possam haver divergências com o presidente sobre até onde tocar no que Bolsonaro, quando deputado, considerava sectores estratégicos (petróleos, energia, Banco do Brasil e Caixa Económica). Seguem-se a revisão do sistema de Previdência, provavelmente segundo o modelo chileno implantado

em 1981 pelos Chicago Boys, e a reforma das leis laborais. No plano fiscal, a descida das taxas mais elevadas de IRS para 20% e um corte de 34% para 15% nos impostos sobre as empresas. Finalmente, um ajustamento orçamental que leve a zeros, já em 2019, o défice primário (saldo orçamental corrigido dos efeitos do ciclo económico e de medidas pontuais), que se estima que fique acima de 2% do PIB em 2018.

A meta de equilíbrio no saldo primário foi explicitamente referida no discurso de vitória de Bolsonaro. Esta-va projetada pelo FMI para três anos mais tarde, quando este publicou em agosto a análise da economia brasileira ao abrigo do Artigo IV. A antecipação da consolidação orçamental, a confirmar-se, deverá permitir uma

CHINA LIDERA NO COMÉRCIO EXTERNO DO BRASIL

Em percentagem das exportações e das importações de bens, setembro 2018



PRINCIPAIS FORNECEDORES



FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS

BOLSA DE SÃO PAULO SUBIU 7% EM OUTUBRO

Índice Ibovespa em milhares de pontos



FONTE: INVESTING.COM

A bolsa paulista subiu 16% este ano e ganhou 8% nos últimos 30 dias

SOJA E PETRÓLEO DOMINAM EXPORTAÇÕES

Em percentagem do total de exportações de bens, setembro 2018

Soja	18,7
Petróleo	12,5
Automóveis e componentes	12,4
Minérios	9,3
Metalurgia	6,2

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS

RADIOGRAFIA DO BRASIL

	2017	2018
Crescimento PIB (%)	0,98	1,4
PIB per capita (dólares)	9896	9127*
Poupança (% PIB)	15	14,8*
Inflação (%)	3,5	4,5
Desemprego (%)	12,8	11,9
DÉFICE		
Orçamental (% PIB)	7,9	8,6*
Primário (% PIB)	1,8	2,3*
Externo (% PIB)	0,5	1,3*
DÍVIDA		
Pública (% PIB)	83,9	88,2*
Externa (% PIB)	32,5	32*

* Previsões FMI; Crescimento do PIB e desemprego são dados do IBGE para o 2º trimestre; inflação em setembro

FONTE: FMI; IBGE

inversão na tendência de subida da dívida pública que, de outra forma, se aproximaria de 100% do PIB daqui a cinco anos. O FMI na quinta-feira veio dar apoio público ao presidente eleito ao considerar que as propostas económicas vão na "direção certa". Na realidade, estão próximas das recomendações do Fundo em agosto.

Crescer a 3% ao ano

Os críticos no Brasil avisam que vem aí o regresso em força de um choque neoliberal, já tentado antes. No entanto, na opinião dos economistas ouvidos pelo Expresso, o plano de Guedes é urgente. "Ele é um economista capaz e com um diagnóstico correto sobre os problemas do Brasil. A minha expectativa é que teremos uma política macroeconómica responsável e a consecução de uma agenda relevante de reformas microeconómicas para melhorar o ambiente de negócios", refere Gustavo Loyola, que foi presidente do Banco Central do Brasil nas presidências de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

Loyola vai mesmo mais longe e acha que o Brasil "poderá estar a crescer de forma sustentável em redor de 3% ao ano no final do mandato de Bolsonaro". Essa dinâmica permitiria tirar a oitava economia do mundo de uma retoma modesta, presa num crescimento medíocre de menos de 1% em 2017 e de 1,36% previsto para 2018.

A economia brasileira foi profundamente afetada por uma recessão em 2015 e 2016 que provocou uma quebra acumulada de 8% do PIB e que elevou o desemprego a dois dígitos. Uma recessão pior do que a de 1930 e 1931. Para impulsionar a retoma, o Banco Central do Brasil baixou em dois anos a taxa diretora (Selic) de 14,25% para 6,5%, um mínimo histórico que a reunião do comité de política monetária desta quinta-feira manteve.

O problema maior "vai ser a capacidade de implementação", alerta o português Alberto Ramos, que na Goldman Sachs, em Nova Iorque, tem

responsabilidade pela América Latina. "O programa é economicamente viável. O que ainda teremos de ver é se o futuro governo conseguirá viabilizá-lo politicamente, porque serão necessárias reformas constitucionais que exigirão forte apoio no Congresso. Essa é a grande dúvida. Eu até torço para que se consiga", diz Emanuel Ornelas, da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo.

Sintoma das dúvidas, a agência de notação Moody's alertou segunda-feira que Bolsonaro pode enfrentar problemas ao lidar com um Congresso extremamente fragmentado, com 30 partidos na Câmara de Deputados e 21 no Senado. E deixou um aviso: "A retórica de campanha indica que o presidente pode desafiar o funcionamento das instituições brasileiras, criando ruído político." O que, dito de outro modo, pode acentuar a 2019 a polarização política já existente e empurrar o Brasil para cenários mais extremados. "Mesmo as relações de proximidade entre os meios financeiros e empresariais e a nova presidência, que muitos acreditam haver, não parecem totalmente lineares", acrescenta Joaquim Ramos Silva, professor do ISEG em Lisboa, especialista na economia brasileira.

A intenção de "limpar a ideologia" da política comercial também tem um problema de implementação. A China é o principal parceiro, a larga distância, e a Argentina, o segundo pilar do Mercosul, vem em terceiro lugar. A exportação brasileira depende fortemente de matérias-primas sujeitas à volatilidade dos preços internacionais e à evolução da guerra comercial. Por exemplo, a soja, que é a principal exportação, já viu o preço cair 11% este ano e o preço do minério de ferro, outra exportação cimeira, recuou mais de 5%. O que significa que nesta diversidade externa estão diversos grupos de interesse envolvidos e a gestão política deste emaranhado não é trivial. Maria Sousa Galito, do Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina do ISEG, em Lisboa, é da opinião que Bolsonaro "defende o realismo político" e sabe bem que o "Brasil continua vulnerável a choques externos, o que é especialmente grave num contexto de elevado risco geopolítico". O que significa que o futuro governo vai ter de tratar com pinças os seus três principais clientes externos: a China, os EUA e a Argentina. "Um choque em algum destes mercados ou más relações bilaterais têm obviamente repercussões muito negativas", conclui a especialista. Para Portugal, o comércio externo é uma das principais vias de contágio com o que se passa na economia brasileira, ainda que o Brasil seja apenas o 10º cliente português. Os empresários estão, para já, confiantes (ver pág. seguinte).

economia@expresso.imprensa.pt